

Intensificar é “costurar” sistemas

Projeto no sul do Pará, o “Eldorado” da pecuária, confirma tendência de intensificação na região, integrando diferentes sistemas de manejo de pastagens e insumos.



FOTOS: RENATO VILLELA

Da esquerda para direita, o consultor Arley Siqueira, o produtor Edimilson Duarte, seu filho Edimilson Jr., e o consultor Caio Ramos.

RENATO VILLELA
renato.villela@revistadbo.com.br
de Marabá, PA

O sul do Pará foi visto, durante muito tempo, como o “Eldorado” da pecuária de corte brasileira. Apesar das dificuldades logísticas, a região reunia condições extremamente favoráveis à criação de gado – vastas extensões de terras baratas, solos naturalmente férteis, alta luminosidade, chuvas quase o ano todo. Essas condi-

ções atraíram muitos produtores, especialmente do Sul e Sudeste, mas, nos últimos anos, o “Eldorado” paraense perdeu um pouco o brilho. Devido à exploração extensiva, muitas pastagens se degradaram; a oferta de terras baratas diminuiu e o clima já não é assim tão generoso. Secas atípicas e prolongadas têm surpreendido os pecuaristas, deixando-os sem pasto para o rebanho.

Neste novo cenário, estão surgindo projetos de intensificação de pastagens cada vez mais tecnificados, que buscam explorar melhor as potencialidades

da região (ainda bastante atrativas), sem usar a velha cartilha do machado, fogo e superpastejo. A busca incessante – e inócua – por novas áreas tem cedido lugar à intensificação e, acreditem, usando inclusive irrigação, que até pouco tempo era considerada desnecessária no Pará. A Fazenda Valadares, em Marabá, 684 km ao sul da capital paraense, ilustra bem esse processo evolutivo, com seus percalços e conquistas. Voltada à seleção de gado Nelore para venda de tourinhos e à recria/engorda de machos comerciais, por muitos anos essa fazenda ostentou produtividade pouco superior à média regional de 3 @/ha/ano, explorando suas pastagens de forma extensiva, quase sem aporte tecnológico, mas, em 2013, assumiu nova trajetória.

Cansado dos modestos índices de rentabilidade que vinha obtendo e disposto a explorar ao máximo o potencial de suas terras, o proprietário da Valadares, Edimilson Dias Duarte, decidiu dar uma guinada em seu projeto pecuário. Usando diferentes sistemas de manejo de pastagens e insumos, que se ajustam às demandas das diferentes categorias animais e à capacidade de investimento da fazenda, ele conseguiu incrementar a lotação da fazenda em 38,2%. De 2.350 cabeças, em 2014, o rebanho passou para 3.250, em 2016. Com isso, a produtividade média mais que dobrou, subindo de 16 para 38,3 @/ha/ano, resultado excelente para o País. E melhor: com custo viável.

Olhar sistêmico

A caminhada rumo à intensificação na propriedade tem sido lenta, porém segura. Com auxílio da empresa Alcance Consultoria e Planejamento Rural, de Montes Claros, MG, Duarte adotou quatro sistemas de produção a pasto: rotacionado irrigado/adubado, que pode ser definido como o nível mais intensivo, porém de menor escala (49 ha, cerca de 6% dos 900 ha formados com capim); rotacionado de sequeiro adubado, presente em 50% da área (454 ha); pastejo alternado com adubação leve (181 ha; 20% do total) e pastejo contínuo sem adubação (216 ha, que correspondem a 24%). O sistema desta última área não é totalmente extensivo, pois já recebeu melhorias, como divisões de piquetes e bebedouros. No primeiro sistema, a produtividade, em 2016, foi bastante alta: 104@/ha. No segundo, chegou-se a 41,4@; no terceiro, a 33@ e, no quarto, a 14,5@/ha. A lotação ficou, respectivamente, em 9, 4, 3 e 1,7 UA/ha.

Vistos isoladamente, esses números podem levar à seguinte conclusão: “quanto mais intensificado for o sistema, melhor”. Trata-se, contudo, de uma ideia precipitada, pois é a junção dos três sistemas que dá funcionalidade ao projeto da Valadares, como mostraremos ao longo desta reportagem. Devidamente integrados, eles se autosustentam. Este, aliás, é um dos maiores diferenciais da propriedade: seu olhar sistêmico. Seria fantástico irrigar e adubar toda a fa-

zenda, por exemplo, mas essa medida drástica elevaria muito os custos, aumentaria perigosamente a dependência de insumos e exigiria investimentos em infraestrutura ou gado acima da capacidade de desembolso do produtor. Com três sistemas diferentes de exploração, a fazenda pôde avançar de forma planejada rumo à intensificação. Começar, contudo, não foi fácil. Primeiro, Duarte, um produtor metódico e cauteloso (veja quadro à pág. 56), teve de se conscientizar de que estava tomando o caminho certo. A natureza lhe deu o estímulo decisivo.

Começo difícil

Duarte comprou a primeira gleba da Fazenda Valadares – batizada com esse nome em homenagem a sua cidade natal, Governador Valadares, no Vale do Rio Doce, norte de Minas Gerais – quando ainda era um jovem produtor, em 1986. Hoje, a propriedade soma 1.200 ha, sendo 900 de pastagens. Pode ser classificada como de porte médio, para os padrões da região Norte. Sem muita escala, o produtor viveu um verdadeiro drama, no final dos anos 1990, que acabaria se tornando o marco inicial de seu projeto de intensificação. As pastagens começaram a secar, vítimas da síndrome da morte da braquiária, mais conhecida por morte súbita do braquiarião, nome popular da *Brachiaria brizantha* cultivar Marandu, capim mais atingido pelo problema. “Eu plantava e o capim morria”, relembra Duarte.

De uma hora para outra a propriedade, que era toda formada com braquiarião, viu sua capacidade de suporte despencar. “Comecei a diminuir a lotação. E, cada vez, as pastagens sustentavam menos gado. Pensei: vou quebrar”. De 2000 a 2005, o produtor reuniu esforços e recursos para substituir o Marandu pelo Mombaça. Reformando 200 ha por ano e aplicando pequena quantidade de fósforo nas novas pastagens, ao final do quinto ano Duarte se viu diante de outro problema, comum em áreas recém-reformadas que não têm manejo adequado



Fazenda Valadares

LOCALIZAÇÃO: Marabá, PA.

ÁREA TOTAL: 1.200 ha

ÁREA DE PASTAGEM: 900 ha

ATIVIDADES: seleção e recria/engorda de gado comercial

REBANHO: 3.700 animais

PRODUTIVIDADE MÉDIA: 38,3 @/ha/ano

LOTAÇÃO MÉDIA: 3,7 UA/ha





Touros PO são vendidos aos 24 meses com peso médio de 600 kg.



Lote de bezerros recém-comprados na praça de alimentação do rotacionado.

Meta é chegar a 5.000 animais em 2019

de adubação: a primeira gleba plantada já dava sinais de degradação. “Invasoras, perda de peso por animal, diminuição da capacidade de suporte; veio tudo a reboque”, conta.

Mais uma vez acuado pela queda na produção e na renda, o pecuarista lançou mão de outra estratégia: comprar boi e “dar de parceria” para terminação na fazenda de produtores vizinhos. Fez isso por cinco anos, de 2008 a 2012, quando foi vencido pela insatisfação. “O ganho de peso era muito desigual entre os animais”, explica. A chance de virar o jogo, ou “arremeter o avião”, como diz, veio por meio de uma oportunidade rara que lhe bateu à porta: a compra de uma área de 143 ha de pastagem degradada. Desta vez, no entanto, a história tomaria outro rumo. “Decidi que faria diferente; usaria técnicas adequadas de manejo de pasto para trazer meu gado de volta”.

Primeiro passo da intensificação

Mais do que um ponto de partida, esses 143 ha se tornariam um projeto piloto dentro da propriedade. Estruturados em três módulos de 60, 54 e 24 hectares, subdivididos em seis piquetes (decisão que seria revista posteriormente), a área foi inicialmente destinada à engorda de machos inteiros. Quando comprou os garrotes, em 2012, Duarte estimou, de forma

conservadora, que conseguiria amortizar o dinheiro investido no prazo de seis anos, engordando 2,5 UA/ha. Com a adubação de parte da área, conseguiu obter lotação de 3,5 UA/ha no sistema rotacionado. O mercado também deu uma ajudinha. “Oito meses após colocar o gado no pasto, o valor da arroba passou de R\$ 90 para R\$ 120. Com isso, meu *payback* (retorno sobre investimento), caiu para dois anos e meio”. Como não poderia deixar de ser, o produtor ficou empolgado. “Vi que a intensificação era melhor do que eu imaginava. Antes de completar um ano, dobrei a área adubada”, recorda-se.

Diante de resultado tão promissor, é natural o desejo de “adubar a fazenda inteira”, como considerou Duarte, mas era preciso conter o ímpeto. “Nos projetos de intensificação, muitas vezes o produtor investe pesado na adubação, mas se esquece de que precisa colher aquela massa forrageira que produzirá a mais. Ou seja, precisa investir na compra de gado. Do contrário, jogará dinheiro fora”, pondera Arley Siqueira, zootecnista da Alcance Consultoria, que presta assistência à fazenda. A ressalva, mesmo parecendo óbvia, é fundamental para quem está começando a intensificar e tem caráter muito afoito. Além disso, antes de iniciar a adubação, é preciso responder algumas perguntas importantes: “Qual sistema rotacionado é mais indicado para as diferentes categorias animais? É melhor trabalhar com lotação alta ou baixa? Qual quantidade de adubo é indicada por hectare?”.

Para cada categoria, uma estratégia

O primeiro passo para a montagem do novo modelo produtivo, iniciado em 2014 com o auxílio da Alcance Consultoria, foi estabelecer uma meta futura – aumentar o rebanho para 5.000 animais até 2019 (veja tabela ao lado). Para atingir essa meta ambiciosa, traçou-se um plano estratégico de intensificação gradativa das pastagens de sequeiro. “O crescimento da área adubada, ano a ano, tem acompanhado a previsão

Evolução do projeto de intensificação da propriedade

Ano	Área adubada (ha)	Nº de cabeças	Produção (@/ha/ano)
2014	143	2.350	16,20
2015	485	2.780	21,80
2016	635	3.250	38,31
2017	735	3.700	42,52
2018	800	4.300	51,15
2019	850	5.000	60,83

¹Dados parciais até junho de 2017; ²Metas a serem alcançadas



Vacas se revezam nos piquetes alternados



...onde recebem suplementação protéico-energética.

de aumento do rebanho na propriedade”, explica Caio Felipe Pereira Ramos, também consultor da Alcance. Assim como na área-piloto de 143 ha, outras partes da fazenda foram estruturadas em módulos, piqueteadas para rotação e munidas de bebedouros. Para isso, foi perfurado um poço artesiano, que bombeia água para um reservatório com capacidade para 250.000 litros, e que atende 80% do rebanho. Os demais bebedouros são abastecidos por água de uma nascente.

O manejo e nível de adubação dos módulos de pastejo de sequeiro dependem da categoria animal alojada. A maioria, novilhas e matrizes em produção, incluindo primíparas, ficam em módulos de alternado (revezamento entre dois piquetes, a cada período de 20 ou 30 dias). Trata-se de uma opção pessoal de Duarte, que ainda torce o nariz quando ouve falar de rotacionado para vacas de cria. “Acontecem muitos acidentes com os bezerros nas áreas de lazer, porque normalmente a lotação é muito grande. Na minha opinião, esse tipo de sistema não funciona para matrizes paridas”, diz. A taxa de lotação nessa área, que atualmente soma 181 ha, é de 3 UA/ha. Ela é subdividida em sete módulos de 17 a 30 ha, que sustentam cerca de 800 fêmeas. Além da adubação de base (fósforo e potássio), feita de acordo com a análise de solo, esses módulos também recebem aplicações de nitrogênio em dosagem relativamente baixa (135 kg/ha), por meio de ureia jogada a lanço, em três a quatro parcelas, durante a estação chuvosa.

O consultor Arley Siqueira explica que a adubação leve e, principalmente, o modelo de pastejo alternado não permitem alto desempenho animal. “O retorno econômico da intensificação na cria é inferior ao da recria/engorda, por isso o investimento também é menor. O objetivo é aumentar um pouco a lotação, não produzir mais arrobas por hectare”, justifica. Apesar de o gado Nelore PO ser o carro-chefe do negócio, Duarte desconsidera o valor agregado dos bezerros puros, para não “mascarar” as contas no momento de

avaliar a viabilidade econômica da intensificação e definir quais níveis de adubação adotará. As cerca de 300 vacas restantes (predominantemente múltiparas, todas PO) permanecem em 216 ha pastejados de maneira contínua, divididos em nove piquetes não adubados, mas cuja lotação, de 1,7 UA/ha, é bem superior à média regional de 0,8 UA/ha. As matrizes recebem somente sal mineral (110 g/cab/dia).

Rotacionado multiuso

Parte da área rotacionada e adubada é destinada à recria/engorda. Ao todo são 16 módulos, com dimensão variável (13 a 35 ha), e subdivisão também irregular (4 a 10 piquetes). No ano passado, a fazenda conseguiu produzir 41,4 @/ha nessa área, devido

Sistemas de produção da Fazenda Valadares					
	Extensivo s/ adubação	Alternado adubado*	Rotacionado adubado	Irrigado adubado	Total
Área (ha)	216	181	454	49	900
% da fazenda	24,0%	20,1%	50,4%	5,4%	100%
Lotação (UA/ha)	1,7	3,0	4,1	9,0	3,7
% do rebanho	11%	17%	58%	13%	100%
@/ha/ano	14,5	32,9	44,7	104,0	38,3
Custo/@ produzida	R\$ 91,00	R\$ 79,96	R\$ 69,18	R\$ 68,50	R\$ 72,75
Custo/Cab/mês	R\$ 60,28	R\$ 68,10	R\$ 58,92	R\$ 61,58	R\$ 58,29

*O alternado tem custo mais alto por cab/mês, porque é adubado, mas a lotação é menor do que no irrigado e rotacionado de sequeiro. Fonte: Alcance Consultoria

Categoria animal de acordo com o sistema		
Área (ha)	Sistema	Categoria
216	Extensivo sem adubação	Cria e Recria
181	Alternado adubado	Cria e Recria
454	Rotacionado/sequeiro adubado	Recria e Engorda
49	Rotacionado/irrigado adubado	Engorda

principalmente à maior intensificação das pastagens nas águas, quando a lotação atinge até 6 UA/ha, em alguns módulos, com ganho médio de 800 g/dia. Como o foco aqui é o ganho em arrobas, a adubação é superior à do sistema alternado. São aplicados de 160 a 225 kg de N/ha no período chuvoso, de acordo com a taxa de lotação pretendida. Geralmente, 14 módulos são destinados à recria de animais PO e três à recria/engorda de machos comerciais, outro negócio importante da fazenda.

Os bezerros puros são transferidos para a área logo após a desmama, com oito meses de idade, pesando entre 250 e 260 kg. São animais nutricionalmente exigentes, principalmente as fêmeas, que, desde 2014, estão sendo desafiadas na reprodução aos 17 meses. Para que emprenhem nessa idade, elas precisam ter acesso a pastagens de qualidade e receber suplementação (400 g/dia de proteico-energético). Os resultados têm sido bastante promissores. “Estamos conseguindo um índice de prenhez de 57%”, conta o produtor. Esse ano, as filhas das “precocinhas” serão desafiadas junto com suas mães na mesma estação de monta. Da mesma forma, os machos candidatos a touro necessitam de boa comida, pois são comercializados aos 24 meses com 600 kg, em média. No ano passado, a fazenda vendeu 280 reprodutores, a R\$ 8.700 cada.

Já a engorda de machos comerciais, que ajuda a ajustar a lotação, depende de oportunidades de mercado. Duarte costuma comprar bezerros desmamados ou garrotes de 300 kg (10 @). “Prefiro estes últimos, porque nossa meta é mantê-los na fazenda por no máximo 12 meses”, justifica. Tanto os garrotes PO quanto os comerciais são suplementados com 2 g de proteinado por quilo de peso vivo até atingirem 400 kg. Depois, recebem 3 g/kg de PV até serem vendidos (no caso dos tourinhos) ou abatidos (machos de corte).

Dependendo do número de animais adquiridos para engorda, o fazendeiro ajusta o nível de adubação nas águas e define estratégias para o período seco. Com 70% das pastagens adubadas, em algum nível, nas águas, manter a fazenda com altas lotações no período de estiagem é um grande desafio. “Não queria o ‘efeito sanfona’, ou seja, ter gado ganhando peso no período de fartura de forragem e perdendo na época de menor oferta. Também não queria ser obrigado a vender parte dos animais por falta de pasto”, relembra. Das alternativas que se apresentavam à mesa, a possibilidade de confinamento ou “sequestro” (fornecimento de volumoso durante a estiagem para manutenção dos animais), foi sumariamente descartada. “Tô fora. Não sou agricultor, morro de medo de grão”, diz Duarte, que escolheu uma solução pouco usual no Pará: a irrigação.

Sonho de ser fazendeiro realizado



Antes de se tornar pecuarista, Edimilson Dias Duarte viveu literalmente sobre trilhos. Por mais de trinta anos, trabalhou na iniciativa privada, no setor de engenharia ferroviária. Morou no Iraque – em uma base de lançamento de mísseis, para ser mais exato – entre 1978 e 1983,

período em que a construtora Mendes Júnior, em plena guerra Irã-Iraque, construiu a ferrovia que liga a capital Bagdá às cidades de Akashat e Al Qaim, localizadas no noroeste do país, próximas à fronteira com a Síria. “Os faróis dos carros eram pintados para não chamar a atenção durante a noite e evitar o risco de bombardeios”, relembra. De volta ao Brasil, participou do projeto da estrada de ferro Carajás, principal via de escoamento do minério de ferro extraído da Amazônia brasileira para o mercado internacional. Em 1985, Duarte assumiu o posto de gerente de manutenção do trecho de Marabá – em seus 900 km de extensão, a ferrovia vai de Parauapebas, no Pará, até a capital São Luís do Maranhão.

Fixou moradia por lá mesmo e, um ano depois, em 1986, comprou o seu primeiro lote de terra, com as economias que trouxe de fora. Vinte anos haviam

se passado desde que sua família fora obrigada a vender a propriedade rural, devido à morte do pai. Duarte estava de novo com os pés na terra. “Estou realizando meu sonho de ser fazendeiro”, contou à reportagem. O hiato na pecuária, no entanto, não foi em vão. A trajetória no mundo corporativo ajudou bastante o produtor a trilhar seu novo caminho. “Incorporei os princípios de gestão que aprendi na iniciativa privada. O conceito de produtividade, o planejamento, a importância de estabelecer controle orçamentário”. Perfeccionista, busca o tempo todo aperfeiçoar o sistema de produção. “Meu filho diz pra mim: ‘Pai, para o senhor nunca está bom’. É que estou sempre em busca do que se pode melhorar. Vou para as coisas com o objetivo de ver defeito. Fiz isso a minha vida inteira trabalhando em estrada de ferro, onde a tolerância é de milímetros. Se errar, o trem descarrila”.

Irrigação tem papel estratégico



Na foto, é possível ver ao fundo o piquete já pastejado sendo irrigado por aspersores.

Como não queria fazer confinamento, nem mexer com agricultura, Duarte decidiu irrigar suas pastagens para manter a produtividade de arrobas por hectare elevada. Talvez essa ideia soe um pouco estranha, já que o Pará se encontra na região amazônica, onde muitos pensam que chove sem parar. “Não é como imaginam. Uso a irrigação cinco meses no ano”, disse Duarte ao repórter de **DBO**, que, meio cabreiro, tentava entender essa escolha em região com média pluviométrica de 2.000 mm anuais. “Quando você aduba no sequeiro é que percebe as irregularidades do regime de chuvas no Pará. Já tive muito problema para adubar o capim aqui”, explica. O quarto e mais intensivo sistema de pastejo da Fazenda Valadares foi montado em fevereiro de 2016, em 49 ha, mediante investimento de R\$ 20.000/ha, quase R\$ 1 milhão. Ele mantém forte interação com o sistema rotacionado/adubado de sequeiro, do qual recebe animais na seca, garantindo novo salto à intensificação.

A irrigação tinha por objetivo inicial regularizar a produção ao longo do ano, mas se mostrou flexível e abriu novas possibilidades para a fazenda, como a terminação de animais comerciais em plena entressafra. “Programo minha produção para vender quando os preços são mais atrativos. A reposição também é favorecida. Com a irrigação, tenho como antecipar a reposição, comprando garrotes na seca, quando os preços costumam ser mais baixos”, diz Duarte. “Com isso, aliviemos a lotação sem reduzir o número de animais, pois os garrotes são mais leves”, acrescenta o consultor Caio Ramos. A falta de pasto também pode ser atenuada pelo capim debaixo dos aspersores. No dia que a reportagem de **DBO** visitou a fazenda, na primeira quinzena de outubro, dois dos módulos estavam sendo ocupados pelo gado PO, um com tourinhos e o outro com vacas prenhas. “A seca está muito severa neste ano. Tenho que cuidar dessas categorias”, disse Duarte.

Viabilidade econômica

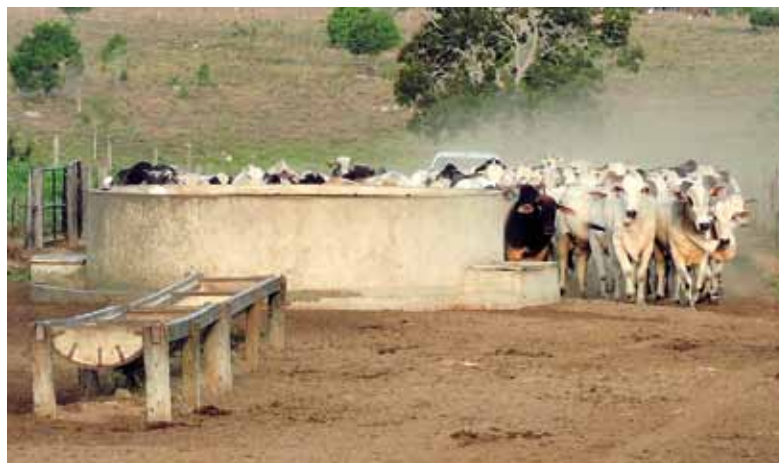
A área irrigada foi inicialmente dividida em três módulos: um de 13 ha, um de 14 e outro de 16 ha, todos subdivididos em piquetes pequenos, de 1 ha. Os animais saem do sequeiro e entram no irrigado com 450 a 500 kg (em anos bons de chuva). Nesta área, são suplementados de forma mais intensa, na proporção de 5 g por kg de peso vivo, pois a meta é ganhar 1 kg/cabeça/dia. Os piquetes são pastejados por três a quatro dias, seguidos de 18 a 26 dias de descanso. Tanto a entrada quanto a saída dos animais são determinadas pela altura do mombaça (90 e 40 cm, respectivamente). Os machos comerciais permanecem cerca de 150 dias nos módulos, até serem abatidos com 600 kg (20 @). Poderiam ser enviados para o frigorífico mais cedo, mas trata-se de um capricho pessoal de Duarte, que prefere aproveitar bem o potencial de ganho em carcaça.

A adubação no sistema irrigado é pesada: 540 kg de N/ha, via fertirrigação, distribuídos assim que os animais deixam os piquetes (*veja quadro à pág. 58*). No ano passado, a fazenda registrou, nessa área, lotação média de 9 UA/ha, mais do que o dobro do que se consegue no sequeiro, com produtividade de 104 @/ha/ano. O número chama a atenção dos muitos visitantes que Duarte costuma receber na fazenda, interessados em conhecer seu sistema de produção. “O camarada vem aqui, olha, mas não acredita que é possível produzir esse tanto de arroba por hectare”, conta o produtor, como quem se espanta com o próprio resultado. Neste ano, ele espera trabalhar com 10 UA/ha. A meta para 2018 é chegar a 12 UA/ha, com o aumento da adubação.

Outro ponto que, naturalmente, desperta curiosidade é o custo. Afinal de contas, irrigar sai caro. Será que compensa? Os cálculos feitos pela consultoria que assessora a fazenda mostram que, de fato, o custo de produção no sistema irrigado é maior do que no rotacionado de sequeiro e no extensivo. São R\$ 61,58 ante R\$ 58,92 e R\$ 60,28/cab/mês no rotacionado/adubado e contínuo, respectivamente. Isso significa que o desembolso mensal é maior, mas, como o irrigado sustenta maior número de animais por hectare, seu custo de produção por arroba (indicador que mede a eficiência e lucratividade do sistema) é menor, especialmente em comparação com o extensivo (*veja tabela*). Enquanto, neste último, produzir uma arroba custa R\$ 91 e, no adubado, R\$ 71,40, no irrigado o valor é de R\$ 68,50. “A produtividade maior nesse sistema dilui os custos de produção, por isso a arroba sai mais barata. Exemplo disso é alternado, que recebe adubação, mas tem lotação inferior aos módulos mais intensivos. Neste sistema, o custo por cabeça é ainda maior do que no irrigado”, reforça Arley Siqueira.



À esquerda, detalhe do aspersor no sistema de irrigação em malha fixa. À dir. lote de bois inteiros na praça de alimentação do módulo rotacionado irrigado.



Lotes menores

A montagem do projeto de irrigação exigiu seis meses de estudo. O produtor foi ao norte de Minas Gerais conhecer diferentes modelos também assistidos pela Alcance Consultoria. Duarte optou pela irrigação por malha fixa, em razão da maior facilidade de manutenção, levando-se em conta a disponibilidade de peças de reposição e mão de obra no sul do Pará. A área a ser irrigada, antes degradada, já estava no plano de intensificação da fazenda, e sua escolha se deveu também à proximidade da rede elétrica e da água. Bastou um ano de irrigação, para o produtor entender

o comportamento do mombaça quando se supre um dos poucos fatores que limitam seu crescimento na região Norte: a água. Com luminosidade e temperatura favoráveis o ano todo, a irrigação permite eliminar a sazonalidade na produção de forragem, mas surgiu outro desafio. “O capim começou a crescer muito e a demandar lotes muito grandes para pastejo da forragem, o que não era bom”, conta o produtor.

O que desagradou Duarte não foi propriamente a necessidade de adquirir mais animais, o que já era esperado, mas ter de rotacionar de 100 a 150 cabeças por módulo. “Percebi que isso prejudicava o desempenho individual dos animais, o que dificultava sua terminação. Eu somente conseguia ‘acabar’ 85% dos bois que colocava nos módulos irrigados. Os demais 15% comiam pasto, mas não engordavam tanto, nem forneciam carcaças com acabamento adequado”, afirma. Para Duarte, o diagnóstico para o desempenho desigual estava na sodomia, cuja frequência cresce com o aumento da taxa de lotação de bovinos inteiros no piquete. Animais sodomizados, como se sabe, tendem a ganhar menos peso.

Na tentativa de solucionar essa questão, o produtor dividiu ao meio uma das três áreas de lazer. Assim, um dos módulos – o maior, de 16 ha – ficou partido em dois, com oito piquetes cada um. “Desse modo, ao invés de trabalhar com um lote grande de 150 bois, passei a rotacionar dois com 80. Aumentei o número de animais na mesma área do irrigado e diminuí o tamanho do lote, que é o que estava me causando problema”, afirma. Segundo o produtor, o ganho de peso ficou mais uniforme nos lotes. Duarte reconhece que esse foi um erro na elaboração do projeto. “Pensei somente na lotação e não no tamanho dos lotes. Esse foi o pecado”. Com a lição aprendida, o pecuarista retornou à primeira área rotacionada de sequeiro, onde iniciou a intensificação. “Comecei a redividir todos os meus módulos, para trabalhar com lotes menores. Quero ganhar em produtividade por área, mas também por indivíduo”.

Pastagem fertirrigada

A irrigação no módulo de pastejo rotacionado é feita por aspersores fixos. São 36 a 40 pontos por piquete. O intervalo de rega é definido de acordo com a capacidade de irrigação do equipamento e a reserva de água no solo, que deve ser suficiente para suprir as demandas do capim. Na Fazenda Valadares, esse intervalo costuma ser de dois dias na época seca. A quantidade de água a ser distribuída é calculada a partir dos níveis de evapotranspiração, que são medidos por meio de uma pequena estação meteorológica instalada na sede da propriedade, onde também são medidas variáveis como volume de chuva, velocidade do vento e a intensidade luminosa.

Detalhe importante: a irrigação deve ser feita logo após a saída dos animais. “Não se irriga o piquete em que o gado está nem aquele no qual entrará. Como a lotação é alta, o pisoteio com o solo úmido pode danificar as plantas”, explica o consultor Arley Siqueira. A fazenda aproveita o manejo da irrigação para adubar os pastos. A fertirrigação traz uma série de vantagens. “Conseguimos uma aplicação mais homogênea e barateamos o custo, porque esse sistema dispensa trator e mão de obra”, afirma. Somente a adubação nitrogenada é feita por meio de aspersores. As formulações de adubos com fontes de potássio e fósforo solúveis em água ainda são muito caras, inviabilizando seu uso por enquanto.